



DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v17.14001

Ahead of Print

Claudia Labriola¹ 0000-0002-8418-8359

Fernando Porto² 0000-0002-2880-724X

¹ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

AUTOR CORRESPONDENTE: Claudia Labriola

E-mail: claudialabriola@unirio.br

Recebido em: 26/05/2025

Aceito em: 14/08/2025

Como citar este artigo: Labriola C, Porto F. Cruz vermelha: ideia e difusão sob a ótica de Pierre de Bourdieu. R Pesq Cuid Fundam (Online). [Internet]. 2025 [acesso em dia mês ano];17:e14001. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v17.14001>.

CRUZ VERMELHA: IDEIA E DIFUSÃO SOB A ÓTICA DE PIERRE DE BOURDIEU

RED CROSS: IDEA AND DISSEMINATION FROM THE PERSPECTIVE OF PIERRE DE BOURDIEU

CRUZ ROJA: IDEA Y DIFUSIÓN DESDE LA PERSPECTIVA DE PIERRE DE BOURDIEU

RESUMO

Objetivo: apresentar as estratégias empreendidas, por meio de seus fundadores, para a ideia e difusão da Cruz Vermelha. **Método:** estudo de método histórico na dimensão da história social baseado no debate teórico a partir da bibliografia encontrada nas principais plataformas acadêmicas digitais. Para a análise, foi utilizada a teoria social de Pierre Bourdieu. **Resultados:** foram encontradas 14 pesquisas que tratam das estratégias utilizadas para a criação da Cruz Vermelha. **Considerações Finais:** o Comitê dos Cinco utilizou estratégias de congresso para disseminar a Cruz Vermelha, mas foi o livro Lembranças de Solferino que Henry Dunant escreveu e protagonizou a história da instituição.

DESCRITORES: Cruz vermelha; História da enfermagem; Enfermagem

ABSTRACT

Objective: to present the strategies undertaken by its founders to develop the idea and disseminate the Red Cross. **Method:** a study of the historical method in the dimension of social history based on theoretical debate from the bibliography found on the main digital academic platforms. For the analysis, Pierre Bourdieu's social theory was used. **Results:** 14 studies were found that deal with the strategies used to create the Red Cross. **Final Considerations:** the Committee of Five used congress strategies to disseminate the idea of the Red Cross, but it was Henry Dunant's book *Memories of Solferino* that played a leading role in the history of the institution.

DESCRIPTORS: Red cross; History of nursing; Nursing

RESUMEN

Objetivo: presentar las estrategias emprendidas, a través de sus fundadores, para la idea y difusión de la Cruz Roja. **Método:** estudio del método histórico en la dimensión de la historia social a partir del debate teórico a partir de la bibliografía encontrada en las principales plataformas académicas digitales. Para el análisis se utilizó la teoría social de Pierre Bourdieu. **Resultados:** Se encontraron 14 estudios que abordaron las estrategias utilizadas para la creación de la Cruz Roja. **Consideraciones finales:** El Comité de los Cinco utilizó las estrategias del congreso para difundir la idea de la Cruz Roja, pero fue el libro de Henry Dunant *Memorias de Solferino* el que jugó un papel protagónico en la historia de la institución.

DESCRIPTORES: Cruz roja; Historia de la enfermería; Enfermería

INTRODUÇÃO

A Europa viveu um clima de guerra principalmente na segunda metade do século XIX com os conflitos da guerra da Criméia (1853 - 1856), Independência Italiana (1859) e guerra Franco-prussiana (1870 - 1871)¹ e a preocupação com a saúde dos soldados feridos era na intenção de tratar aqueles que tinham condições de voltar para os campos de batalha, e os que estavam gravemente feridos eram abandonados.²

O artigo tem por objetivo apresentar as estratégias empreendidas, por meio de seus fundadores, para a ideia e difusão da Cruz Vermelha. O contexto envolve a circunstâncias da Batalha de Solferino e diversos encontros para o apoio à iniciativa. Para tanto, devemos retroceder no tempo, pois foi durante a Guerra da Criméia (1853-1856) que a imprensa inglesa noticiou que apenas 1/6 das mortes de soldados eram decorrentes da batalha e criou o mito Florence Nightingale, que reformou o serviço de atendimento nos campos de guerra e iniciou o processo da enfermagem moderna.³

Jean Henry Dunant, aos 31 anos de idade criou uma empresa para explorar a produção de milho na Argélia, colônia francesa. Contudo, as dificuldades impostas pelas autoridades franco-argelinas em ceder o direito de uso de água o levou a procurar Napoleão III. Ao ter conhecimento de que o imperador acampava com seu exército na região de Solferino, foi até a cidade italiana. A cidade encontrava-se em batalha pela expulsão dos austríacos da região do Piemonte-Sardenha.⁴

A batalha foi decisiva para a unificação italiana e Napoleão III, imperador francês, se unira a Vítor Emanuel II, rei da Sardenha. Essa aliança simbólica - pacto ou cooperação - entre a França e a Sardenha garantiu o retorno das cidades de Nice e Sabóia como recompensa. Os conflitos bélicos resultaram em 6.000 mortos e 30.000 feridos amontoados para serem atendidos por apenas 3 médicos.⁵ Dunant não só presenciou como trabalhou na assistência aos soldados feridos. Ao retornar à Genebra, escreveu o livro de memórias Lembranças de Solferino, sua aventureira.⁶

De acordo com a obra “Lembranças de Solferino”, Dunant relatou que reuniu algumas mulheres do vilarejo e dois turistas ingleses que estavam na cidade de Castiglione Delle Stiviere, para atender aos feridos e enterrar os mortos. Foram três dias e três noites para enterrar todos os cadáveres da batalha.⁷

METODO

Trata-se de um estudo de método histórico na dimensão da história social. Esta investiga no sentido das ciências sociais, quando as análises se aproximam da Antropologia,

Sociologia e Psicologia ao dar sentido ao passado em suas múltiplas e (des)continuidades pelas ramificações que proporcionam.⁸

Os locais de busca foram as seguintes plataformas digitais: SciELO, Google Acadêmico, Scopus, OSJournal, JSTOR, Cambridge University Press e Internet Archive. As palavras-chave utilizadas foram “Red Cross”, “Henry Dunant”, “origin of the Red Cross”, “Gustave Moynier”.

Para análise, foi utilizada o debate teórico entre a literatura encontrada com a interpretação à luz da teoria social de Pierre Bourdieu com os conceitos de campo social, habitus e capital. Campo é o espaço físico ou abstrato onde acontecem as lutas simbólicas pelo poder. Habitus é uma experiência biográfica que influencia as tomadas de decisão. Capital é o recurso acumulado que justifica e consolida a posição hierárquica dentro do campo.

RESULTADOS

Foram selecionados 14 trabalhos que aborda a criação da Cruz Vermelha para o arcabouço do debate histórico. O quadro 1 apresenta as pesquisas encontradas.

Quadro 1 - Produções científicas relacionadas à criação da Cruz Vermelha

	Autor	Título	Formato
1	BENNET (2005)	The Geneva Convention: the hidden origins of the Red Cross	Livro
2	BIMPAGE (2003)	Moi, Henry Dunant, j’airêvéle monde	Livro
3	DUNANT (2016)	Lembrança de Solferino	Livro
4	DURANT (1977)	Théodore Maunoir est aussi un fondateur de la Croix Rouge	Artigo
5	FORSYTHE (2007)	International Committee of the Red Cross: a neutral humanitarian actor	Livro
6	GILL (2023)	The origins of the British Red Cross Society and the politics and practices of relief in war	Artigo
7	GUMPERT (1938)	Dunant, the Story of the Red Cross	Livro
8	HUTCHINSON (1996)	Champions of Charity - war and the rise of the Red Cross	Livro
9	LANGENDORF (1987)	Guillaume Henri Dufour ou la passion du juste milieu	Livro

10	MOOREHEAD (1998)	Dunant's dream: war, switzerland and the history of the Red Cross	Livro
11	MORGENSTERN (1981)	Henry Dunant and the Red Cross	Artigo
12	OTTAVIANI (2005)	Rewriting the biography of Henry Dunant, the founder of the International Red Cross	Artigo
13	PARSONS; DEL VECCHIO (1963)	On The History Of The Red Cross	Artigo
14	VANNI (2020)	A Memory of Solferino ("Um Souvenir de Solferino") in Italy	Artigo

Fonte: elaborado pelos autores. 2025.

A Figura 1 apresenta o retrato oficial do Comitê dos Cinco. Trata-se de um fotomosaico com imagens dos fundadores da Cruz Vermelha.

Figura 1 - Comitê dos Cinco



Fonte: Site institucional da Cruz Vermelha

O quadro 2 apresenta um resumo da trajetória dos co-fundadores para a identificação da construção do habitus de cada um no intuito de compreender a contribuição de cada um na concretização da ideia.

Quadro 2 - Síntese biográfica dos co-fundadores da Cruz Vermelha

Nomes	Síntese biográfica da formação do habitus
Henry Dunant	Comerciante de família religiosa em Genebra tinham importante posição social, principalmente no cenário da filantropia
Gustave Moynier	Suíço, formado em Direito em Paris. A Sociedade Genebrina de Utilidade Pública tinha 30 anos de fundação e ele foi presidente desde 1858 e por isso contava com uma rede de contatos com os líderes da filantropia na Europa. ⁹
General Guillaume Henri Dufour	Filho de suíços, mas nascido em Constança, Alemanha. A Figura de maior importância para Genebra dos cinco co-fundadores da Cruz Vermelha. Foi engenheiro, urbanista,

	professor e político. Herói militar da batalha de Sonderbund em 1847, foi tutor do imperador Napoleão III. ¹⁰ Responsável pela modernização da cidade de Genebra e pelo desenho do mapa topográfico da Suíça, conhecido como mapa Dufour. Também foi o criador da bandeira suíça. ¹¹
David Eugène Théodore Maunoir	De família de médicos, cirurgião formado pela Faculdade de Medicina de Paris, com dois mandatos como presidente da Sociedade Médica Genebrina com longa experiência em filantropia médica e com conhecimento da língua inglesa. Maunoir não teve uma trajetória profissional prolífica e estaria no esquecimento, caso não fizesse parte do Comitê dos Cinco. ¹²
Louis Appia	Nascido em Hanau, Alemanha, formado em Medicina pela Universidade de Heidelberg. Aos 40 anos, muda-se para Genebra. Era especialista em medicina militar. Mais tarde iniciou uma campanha para o fim da utilização de balas dum-dum. ¹³

Fonte: elaborado pelos autores. 2025.

DISCUSSÃO

O livro Lembranças de Solferino é considerado a obra que dá início ao ideal da Cruz Vermelha e por esse motivo, seu autor, Henry Dunant, se tornou o principal criador da instituição nas versões atuais. O estudo de Vanni et al.⁶, nos leva a pensar que Dunant não foi o inspirador do atendimento aos feridos em Solferino. Pelo contrário, foi inspirado pelo atendimento que já existia e era realizado por religiosos católicos. Napoleão III homenageou o sacerdote Dom Lorenzo Barziza com a medalha de cavaleiro da Legião da Honra pelos seus serviços de ajuda humanitária ao organizar 12 hospitais na cidade de Castiglione delle Stiviere no período de 25 a 30 de junho de 1859, data que Dunant afirma estar na cidade.⁶

Em seu livro, Dunant relata que as mulheres de Castiglione gritavam: “Tutti Fratelli” (todos são irmãos) inspiradas pelo atendimento que ele realizava sem considerar ao qual exército o ferido pertencia, mas pode-se deduzir que a expressão *tutti fratelli* venha a ser *fratelli tutti*, frase utilizada por São Francisco de Assis em suas admoestações (discursos transcritos por seus seguidores).

A participação de religiosos na guerra já foi indicada na literatura. O exemplo dessa participação é de Camilo de Lellis e sua ordem que caminhava entre mortos e feridos em batalha utilizando uma cruz vermelha no peito de sua vestimenta desde o século XVI.¹⁴

O fato de Dunant não ter citado Dom Lorenzo Barziza é compreensível já que descreve a assistência aos soldados como um ato heroico solitário que liderou uma cidade civil e contagiou a todos com seu humanitarismo cristão. Campbell¹⁵ já identificara o percurso padrão do herói romântico como um “homem comum do cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva. O herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes”.

Dunant é a incorporação do herói mitológico que deixa a Argélia para se aventurar em Solferino, organiza o atendimento aos soldados com a ajuda de Figuras a qual não dá a identidade, é vitorioso em sua ação e retorna para sensibilizar o mundo da necessidade de uma instituição que auxilie os soldados feridos em campos de batalha. O percurso do herói é um padrão encontrado em vários mitos de origem, inclusive na Bíblia, livro conhecido de Dunant.

Pensar que as aventuras de Henry Dunant, como voluntário, entre os religiosos já organizados na cidade e sob a liderança de um clérigo católico não dariam àquelas memórias o drama necessário para atingir seus futuros leitores. Isso nos conduz às técnicas utilizadas pelo jornalismo para atrair a atenção a partir do acrônimo AIDA (Atenção, Interesse, Desejo e Ação) que representa os atrativos para vender a ideia, para captar a atenção a fim de promover determinada atitude.¹⁶

Ao articular a obra de Dunant com a técnica AIDA, nos conduziu ao que Bourdieu nos relata sobre os interesses de quem produz um texto jornalístico como drama, sangue, sexo e crime.¹⁷ Para tanto, ao aplicarmos de forma adaptada a ideia do livro, podemos trazer o pensamento que com cenário de conflito, com momentos sanguinolentos e de mortes. Depreendemos que, a atenção era a possibilidade de apelo para que fosse tomada certa decisão para amenizar a situação instalada.

Ser testemunha ocular da batalha e o responsável pela mobilização do atendimento aos feridos confere à Dunant o poder simbólico de um porta-voz dos soldados feridos.

Somente com esse poder, há a possibilidade da mudança proposta por ele em fundar uma instituição de auxílio aos feridos em guerra, o que hoje conhecemos como Cruz Vermelha. Dunant não pertencia ao corpo militar e por isso não fazia parte da estrutura já existente, mas o porta-voz autorizado é investido de poder para falar em nome de um grupo porque é a encarnação do grupo.¹⁸ Para Bourdieu¹⁹, é necessário um corpo de especialistas para a produção do campo simbólico e Dunant utilizou a sua experiência como herói em Solferino para adquirir poder simbólico para a transformação do campo já dominado pela medicina militar.¹⁹

Dunant, além de relatar a batalha com detalhes que apenas um observador muito próximo poderia fazê-lo, mas não sem ser ferido, faz uma leitura honrosa dos soldados nos campos da batalha. Na obra⁷, ele utiliza descrições elogiosas à coragem dos militares franceses que lutaram bravamente “... prometendo vingar seus mortos” e com devoção à causa “(...) enquanto rolava no chão apertou sua preciosa patente contra o coração”. Não foi por acaso que o autor tratou o exército como herói para legitimar o espaço ocupado. Isto significa que o campo simbólico (das batalhas) era possibilidade de delimitar um novo espaço social, o da assistência aos feridos, mas somente quem tem a legitimidade das palavras pode manter a ordem ou a subverter.¹⁹

Relatos de que Florence Nightingale teria apoiado a iniciativa da Cruz Vermelha é encontrado na obra de Sebastião Dodel Santos²⁰, intitulada Florence Nightingale. Nela, o autor articula ambos com premiações do Nobel da Paz (1901) e que ela teria sido homenageada duas vezes (1883 e 1901) pela Cruz Vermelha em evento realizado pela instituição.

Contudo, outros relatos apontam para outras versões e interpretações sobre a possibilidade de apoio por parte de Florence Nightingale ao tomar conhecimento daquela instituição. Hutchinson¹⁰ afirma que ela reprovou imediatamente sob justificativa de que o tratamento dos feridos em batalha deveria ser de iniciativa do governo. O argumento era de

que se o atendimento fosse feito por sociedades civis, o conflito se tornaria fácil e não haveria empecilho, viver-se-ia em estado de guerra.

Ademais, em carta escrita por Florence encaminhada a Thomas Longmore - cirurgião militar e herói da guerra da Criméia - ela relatou que uma sociedade como aquela só funcionaria num pequeno Estado que nunca viu uma guerra, como Genebra, por exemplo.⁴

Mediante o relato, talvez, conhecido por poucos da possibilidade de não apoio de Florence Nightingale a iniciativa da criação da Cruz Vermelha cause certa estranheza. Mas, os argumentos estão postos e cabe lembrar que ela era uma defensora de apenas mulheres para o cuidado, a extinção de curiosas e a criação cursos/escolas de enfermagem. Tal proposta, em parte, não era distinta da dela, mas cabe o questionamento: A que custas?

Sua obra *Lembranças de Solferino* recebeu três edições num mesmo ano (1863). As mudanças no título, página de capa e alterações no texto ocorreu a partir de contribuições dos leitores da primeira edição, além do fato das duas primeiras edições terem a informação de *ne se vend pas* (proibição da venda), a terceira edição foi comercializada e tinha um formato menor. Dunant informava que as edições anteriores foram realizadas pelo sucesso da obra, mas não indica as alterações ocorridas.⁹

O livro *Souvenir de Solferino* foi à estratégia adotada por Dunant para sensibilizar e propagar uma proposta que traria mudanças mundialmente. Ser testemunha ocular da guerra o colocou em posição de credibilidade e capitalizar simbolicamente o que lhe permitia falar em nome daqueles que foram feridos nos campos de batalha, ou seja, seu porta-voz¹⁹ e ao mesmo tempo no lugar daqueles que iriam prestar socorro.

O principal objetivo do livro era sensibilizar a sociedade europeia sobre um serviço de voluntários para atender nos campos de batalha, mas que não fosse criado em momentos de guerra, mas sim, durante a paz. Desta forma, ele iniciou a campanha distribuindo o livro para os jornais e algumas pessoas de seu contato e indicações relevantes como estratégia de apelo em prol a causa e recebeu algumas respostas de apoio, mas careceu de divulgação por parte dos jornais como gostaria.

Militares e médicos civis mostraram interesse na proposta, mas Dunant não tinha capital social para mobilizar representantes do governo para que a ideia se tornasse possível. Este é o conjunto de recursos resultantes da posição que se ocupa ao trazer as redes de relações de conhecimento e reconhecimento mútuos.²¹ Gustave Moynier foi um dos destinatários do livro e como presidente da Sociedade Genebrina de Bem-estar solicitou que a ideia da Sociedade de Auxílio aos Soldados Feridos fosse inserida na pauta das reuniões do Congresso Internacional de Caridade a ser realizado em setembro de 1863, em Berlim. Esta seria a oportunidade de captar mais adeptos para a criação da entidade.

O Congresso Internacional de Caridade foi cancelado e Moynier decidiu por organizar seu próprio congresso para apresentar e discutir a criação de uma sociedade de auxílio aos soldados feridos em guerra, esse evento ficou conhecido como Conferência de Genebra.

Apesar da intervenção de Moynier, a direção da Sociedade Genebrina de Bem-estar exigiu um novo relatório com a proposta da conferência e indicou mais três associados, o que deu origem ao Comitê dos Cinco. Juntamente com Henry Dunant, o comitê foi formado por Gustave Moynier, um jurista filantropo; general Luis Apia, médico militar; Théodore Maunoir, médico cirurgião e o general Dufour.⁹

Cada membro do Comitê dos Cinco tinha o capital simbólico necessário para a criação das Sociedades: o militar, o médico e o filantropo, conforme apresentado no quadro 2. Representações sociais são necessárias para atingir o público-alvo da Cruz Vermelha pelo *habitus*¹⁴ dos agentes envolvidos e Dunant, como uma espécie de missionário em prol de uma causa humanitária. Contudo, ressaltamos que Dunant sozinho não atingiria o objetivo proposto.

Mas apesar de Dunant ter se transformado no herói da Cruz Vermelha, inferimos que esse protagonismo foi determinado posteriormente com base na Figura 1. que apresenta os cinco articuladores para o nascimento da Cruz Vermelha. Ao centro o General Guillaume Henri Dufour ladeado à direita por Gustave Moynier e Dr. Louis Appia e pelo lado esquerdo Henry Dunant e Dr. David Eugène Théodore Maunoir e abaixo na centralidade da imagem a

redação “Comitè Internancional Fundaleur de la Croix-Rouge, 1863” finalizada com o símbolo da cruz, que acreditamos ser na cor vermelha pelo texto e contexto. Os ladeados ao general General Guillaume Henri Dufour no texto imagético apresentam trajes sociais característicos da época em plano fotográfico de close. Contudo, a Figura central o formato da imagem é retangular, enquanto os demais são redondos, bem como em tamanho distinto e de plano central. Outro dado que apresentamos para a construção de nossa depreensão, é sobre a infralogia visual que a obra, denominada *As ciências do impreciso*¹⁹, nos cita ser um conjunto de regularidades enunciativas do funcionamento e apreensões dos fenômenos exteriores. Esta apresenta regras totalizadas em 15, mas destacamos a primeira, que na redação do autor é “Lei da centralidade, os elementos que se apresentam no centro da imagem são mais importantes, ou melhores, do que aqueles que estão na periferia”.²²

Ao articularmos o contexto, argumentos teóricos, aspectos técnicos imagéticos e imagens, podemos apontar que Dunant careceu de se encontrar na centralidade da composição da Figura n.1, apesar de seu nome ser representativo na trajetória da Cruz Vermelha. Depreendemos que ele escasseia de relevo como muitos podem pensar, o que nos faz remeter a obra de Bennet.²³ O autor relata que havia desnível social entre Moynier e Henri, o que à luz de Bourdieu²⁴ é entendido pelo conceito de *habitus*, logo, com formações distintas, o que justificava a sua posição do texto fotográfico.

Antes da Conferência de Genebra, aconteceu na Europa em setembro de 1863, o Congresso de Estatística (Berlim) e que a maioria dos que participariam do evento cancelado, estaria presente nesse.⁹ Moynier foi um dos fundadores da Sociedade de Estatística de Genebra e seria delegado suíço nesse evento¹³, mas a escolha de Dunant para representar o Comitê dos Cinco no Congresso de Estatística foi de Basting, médico militar e delegado da Holanda no evento. O dr. Basting, médico militar e grande admirador de Dunant, traduziu o livro *Lembranças de Solferino* para o holandês e trocava cartas afetuosas com o escritor. Basting sugeriu utilizar o Congresso de Estatística para propagar a Conferência de Genebra.²³

O Comitê dos Cinco encaminhou convites da Conferência para sua rede de contatos para a participação do encontro que aconteceu em outubro de 1863, Genebra. Os convidados eram filantropos, médicos militares influentes e representantes dos governos europeus.¹⁶ Moynier, por ser presidente da Sociedade Genebrina de Utilidade Pública (SGUP), tinha uma ampla rede de contatos de filantropos e juntamente com Dunant desenvolveram os temas a discutir no evento.

A participação de Dunant no Congresso Internacional de Estatística não saiu como o controlador Gustave Moynier esperava. Dunant e o Dr. Basting decidiram acrescentar nas discussões a neutralidade dos serviços médicos em campos de batalha sem a consulta do Comitê. A proposta levantou a curiosidade dos presentes no evento, o que teve por efeito o início do processo de ruptura de confiança entre Dunant e Moynier. Dr. Basting e Dunant redigiram um documento e distribuíram ao relatarem a necessidade de tornar a equipe médica e voluntária dos exércitos em guerra foi oportuna.⁹

Apesar da discordância entre Moynier e Dunant sobre a estratégia para a divulgação da Sociedade, pode-se dizer que a participação no Congresso de Estatística e o uso da imprensa para divulgar o livro e a circular cooperaram. Carecemos de definir qual das estratégias foram mais efetivas, mas não podemos negar que ela surtiu o efeito, mesmo diante da discordância de Moynier. Deste fato, o que sabemos que o desafeto entre eles perdurou por toda a vida deles.

A pedido de Basting e contra a vontade de Moynier, foi discutido nessa Conferência a neutralidade da equipe voluntária de enfermagem, mas para surpresa de todos, o desejo dos presentes foi de ampliar a neutralidade para todas as pessoas para a prestação de socorro, inclusive, as ambulâncias e hospitais civis.⁹

Sobre as braçadeiras, não se sabe de quem foi a ideia da sua utilização nas cores brancas e vermelha em uma peça com o símbolo de cruz geométrica. Sabe-se que, em 1876, a instituição recebeu o nome de Cruz Vermelha e o argumento de que o símbolo escolhido

era em homenagem à bandeira da Suíça surgiu após a Turquia recusar o uso do símbolo por se tratar da simbologia cristã.¹⁰

Esse dado traz à tona as afirmativas correntes em diversos estudos, na temática institucional, quando se afirmam que o símbolo é em decorrência das cores invertidas da bandeira da Suíça com base na obra *Histórico Cruz Vermelha Brasileira* (1923), ao relatar que o signo assim foi determinado na Conferência Internacional da Cruz Vermelha (1864). Para Parsons & Del Vecchio²⁵, a cruz vermelha em fundo branco foi escolhida pela representação da caridade.

A Conferência de Genebra teve a presença de 36 pessoas, sendo 12 delas membros suíços, a maioria dos participantes eram médicos militares e não houve representantes de Portugal, Dinamarca, Bélgica e Noruega.²⁷ Para Sanchez-Martínez⁹, se tratou de um evento de pequeno porte, pois os presentes se dispuseram a acompanhar as discussões e saíram como propagadores da ideia.

Ao longo dos meses de novembro e dezembro de 1863, vários governos responderam ao Comitê em apoio ao tratado discutido na Conferência, exceto a Grã-Bretanha que demonstrou seu desinteresse com rapidez.⁹ Tal fato, necessitou articulação com a possibilidade de negação de Florence sobre a instituição a ser criada, considerada sua influência, poder e prestígio na esfera governamental.

Moynier, como presidente provisório do Comitê, encaminhou uma carta a todos os participantes da Conferência para que sondassem entre seus respectivos governos o interesse de sancionar o acordo de neutralidade em tempos de guerra ao pessoal médico, voluntários na prestação do socorro, ambulâncias e hospitais. Esta correspondência foi o processo de consulta que culminou no tratado multinacional assinado em 24 de agosto de 1864, a data consagrada como a I Convenção de Genebra (*Convention pour l'amélioration du sort des militaires blessés dans les armées en campagne*).²⁶

A data da criação da Cruz Vermelha Internacional é marcada pela Primeira Conferência de Genebra (1863), com o nome de Sociedades Nacionais de Ajuda aos Soldados

Feridos.²⁷ Esta foi considerada um dos marcos do Direito Internacional e o livro de Dunant - Lembrança de Solferino - é considerado a principal influência para a elaboração do Código Lieber (1863), o manual americano com as leis e costumes de guerra.²⁸

Desde sua criação, a Cruz Vermelha foi desenvolvida para ter sociedades independentes em cada país ao invés da centralização em Genebra. No início, a função do Comitê era apenas de coordenação e intermediação, mas com o tempo a participação em operações de campo aumentou. Para Forsythe & Rieffer-Flanagan²⁹, afirma que se a proposta fosse de uma sociedade centralizadora, provavelmente, haveria maior rejeição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Criação da Cruz Vermelha Internacional careceu de ineditismo, mas o que possibilitou a concretização da ideia pelo conjunto de estratégias adotadas, principalmente, por Dunant e Moynier, mas o livro Lembranças de Solferino pode ser considerado o diferencial para sua materialização.

Dunant identificou que o apelo por melhores condições em assistência aos feridos nos campos de batalha não recebeu a atenção merecida, mas após a distribuição do seu livro e o uso da imprensa a seu favor, foi a estratégia que levou as nações europeias a assinarem o tratado que deu origem ao Direito Humanitário Internacional.

Apesar da descrença de alguns, a instituição foi criada e com o tempo, aumentando o número de nações signatárias. Os documentos encontrados ajuda a recontar a história de criação desta instituição internacionalmente conhecida e reconhecida, mas que ainda tem lacunas que precisam ser preenchidas, principalmente na relação entre Dunant e Moynier.

Sabemos hoje que a Cruz Vermelha não foi fruto do trabalho de apenas um homem como a versão institucional defende, mas foi um conjunto de ações que no momento propício levaram ao sucesso da organização levando a se espalhar pelo mundo ocidental e oriental ultrapassando as barreiras culturais e se adaptando às peculiaridades com o surgimentos de novos símbolos, como por exemplo o crescente vermelho e o cristal vermelho para satisfazer à todas as nacionalidades.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - Brasil - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

1. Parisi MO. A guerra no “longo século XIX: teorias da guerra e análise histórica. Rev Hades. 2017 [acesso em 23 de junho 2024];1(1). Disponível em: <https://doi.org/10.34024/hades.2017.v1.7964>.
2. Nakao H, Ukai I, Kotani J. Review of the history of the origin of triage from a disaster medicine perspective. JAAM. 2017 [cited 2024 dec 20];4(4). Available from: <https://doi.org/10.1002/ams2.293>.
3. Tran T. Behind the myth: the representation of crimean war in nineteenth-century british newspaper, government archives & contemporary records. Cahiers Victoriens et Édouardiens. [online]. 2007 [cited 2023 jun 23];66. Available from: <https://doi.org/10.4000/cve.10385>.
4. Moorehead C. Dunant's dream: war, switzerland and the history of the Red Cross. New York: Carroll & Graf Publishers; 1998.
5. Fantinato JMCB. O Movimento Internacional da Cruz Vermelha e o Crescente Vermelho. Rev EMERJ. [Internet]. 2017 [acesso em 15 de dezembro 2024];20(79). Disponível em: https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista79/revista79_263.pdf.
6. Vanni D, Fabbriatore F, Vanni P. A Memory of Solferino (“Um Souvenir de Solferino”) in Italy. The role of a book on the origin of Italian Red Cross Society. Med Hist. 2020 [cited 2024 dec 15];4(1). Available from: <https://mattioli1885journals.com/index.php/MedHistor/article/view/7666>
7. Dunant JH. Lembranças de Solferino. Genebra: Cruz Vermelha Internacional; 2016. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/lembanca-de-solferino>
8. Oguisso T. Pesquisa em História da Enfermagem. 2ª ed. Barueri: Manole; 2011.

9. Sánchez-Martínez G. Enemies by Accident, Neutral on the Rebound: diversity and contingency at the birth of war humanitarianism, 1862 - 1864. *Asclepio*. 2014 [cited 2023 feb 8];66 (1). Available from: <https://doi.org/10.3989/asclepio.2014.02>.
10. Hutchinson JF. *Champions of Charity - war and the rise of the Red Cross*. Boulder: Westview Press; 1996.
11. Langendorf JJ. *Guillaume-Henri Dufour: general, kartograph, humanista: eine bildbiographie*. Zurich: SV Internat Schweizer Verl-Haus; 1987.
12. Durand R. Théodore Maunoir one of the founders of the Red Cross. *International Review of the Red Cross*. 1978 [cited 2023 jul 28];18(204). Available from: <https://doi.org/10.1017/S0020860400018003>.
13. Morgenstern S. Henry Dunant and the Red Cross. *Bull N Y Acad Med* 1979; 55 (10): 949-956.
14. União Social Camiliana. *Diretrizes da Educação Básica Camiliana*. São Paulo: Editora Gráfica Bernardi; 2010.
15. Campbell J. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Ed. Pensamento; 1949.
16. Malanga E. *Publicidade: uma introdução*. São Paulo: Edima; 1987.
17. Bourdieu P. *Sobre a Televisão, Seguido de A Influência do Jornalismo e os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1997.
18. Bourdieu P. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense; 2004.
19. Bourdieu P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1989.
20. Santos SD. *Florence Nightingale*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos; 1917.
21. Bourdieu P. *La distinción - criterios y bases Sociales del gusto*. Trad. Del. Carmen Ruiz de Elvira. Cidade do México: Taurus; 2002.
22. Moles A. *As ciências do impreciso*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1995.
23. Bennet A. *The Geneva Convention: the hidden origins of the Red Cross*. Gloucestershire: Sutton Publishing; 2005.
24. Bourdieu P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero; 1983.

25. Parsons R, Del Vecchio G. On The History Of The Red Cross. *J Hist Ideas* 1963; 24(4): 577-583.
26. Crossland J. War, Law and Humanity: the campaign to control warfare, 1853 - 1914. London: Bloomsbury Academy; 2018.
27. Borges LE. O direito internacional humanitário. Belo Horizonte: Del Rey; 2006.
28. Guedes MTF. A Proteção dos Bens Culturais em Tempos de Guerra e de Paz: a participação brasileira na Conferência de Haia, no Pacto Roerich e na Convenção de Haia. *An Mus Paul*. 2018 [acesso em 2 de fevereiro 2025];26:e19. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672018v26e19>.
29. Forsythe DP, Rieffer-Flanagan BA. The International Committee of the Red Cross: a neutral humanitarian actor. New York: Routledge; 2007.